



**GORDON**  
FAMILY OFFICE

## PANORAMA GERAL

No mês de outubro, o mercado global atuou nas expectativas da condução da política monetária e eleição presidencial nos EUA, o que trouxe uma volatilidade considerável.

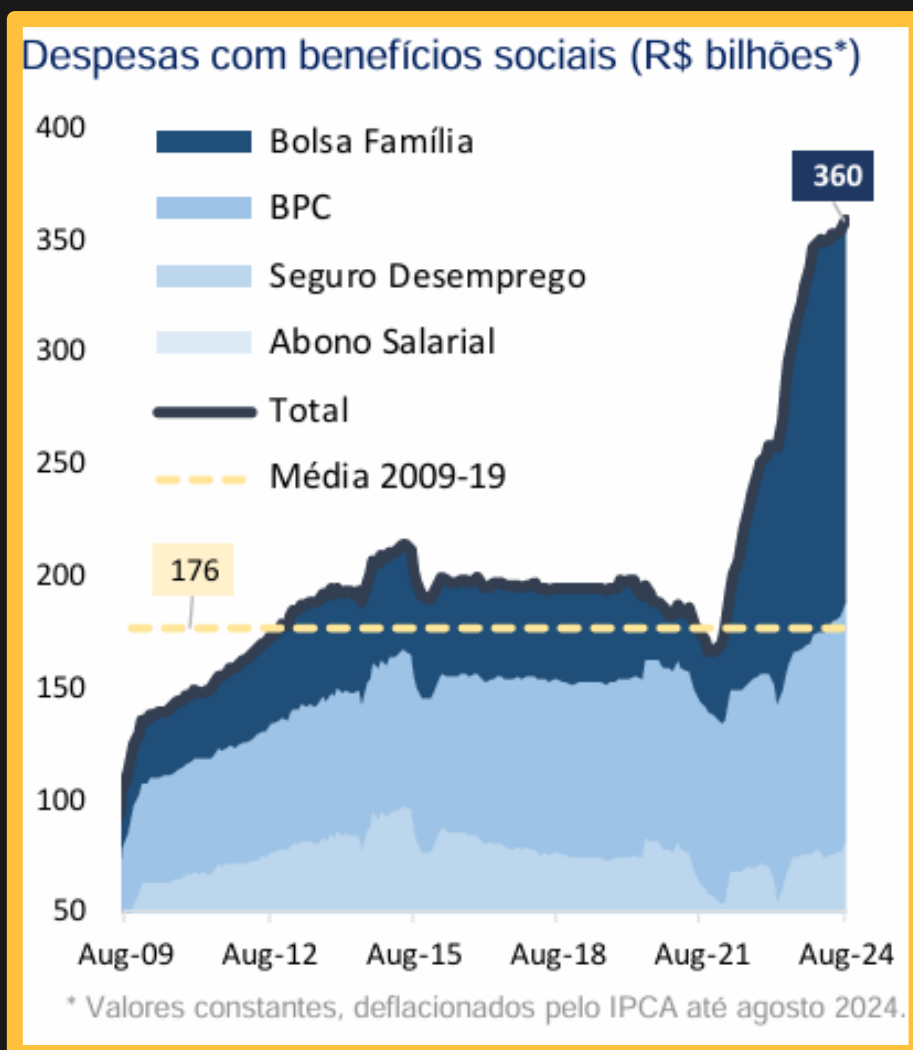
A inflação ao consumidor (CPI), nos EUA, fechou em alta de 0,20%, enquanto a expectativa era uma alta de 0,10%. Na comparação anual caiu de 2,50% para 2,4%. Além disso, o dólar fechou o mês com valorização de 6,14% frente ao Real, cotado a R\$ 5,7867. Acerca do cenário político norte americano, o crescimento de Trump nas pesquisas fez com que o mercado antecipasse um movimento um movimento de *risk-off*, com os Treasuries subindo e as bolsas caindo.

Na Zona do Euro, as bolsas fecharam o mês de outubro no campo negativo com a aceleração inesperada da inflação ao consumidor (CPI), onde teve uma alta de 0,3% enquanto a expectativa era uma queda de 0,1%. Mesmo assim, o BCE cortou a taxa de juros em 0,25%, indo para 3,40% ao ano.

No Brasil, o desempenho dos ativos foi negativo devido à questão fiscal, problemas climáticos e dados macro, que continuam aquecidos. Isso fez com que houvesse uma abertura na curva de juros e atingisse todos os mercados. Nos juros, houve a abertura da curva, onde voltou a ficar próximo aos 12%. O Ibovespa fechou o 6º mês do ano negativo, onde se desvalorizou 1,60%.



Em setembro, o Copom decidiu em aumentar os juros em 0,25%, onde foi para 10,75% ao ano. Esta decisão foi baseada na manutenção de um cenário externo desafiador, na maior parte das incertezas da economia dos EUA e fiscal brasileira. Os gastos públicos aumentaram de forma significativa, principalmente nas linhas dos benefícios sociais. Entre 2009 e 2019, estes gastos eram de R\$ 191 bilhões ao ano e atualmente são de R\$ 384 bilhões ao ano.





**GORDON**  
FAMILY OFFICE

## **RENDA VARIÁVEL NO BRASIL**

O Ibovespa fechou outubro aos 129.713,33 pontos, com desvalorização de 1,60%. Neste ano, a queda é de 3,33%.

Alguns pontos foram levados em consideração para diminuirmos a exposição em renda variável:

- a. Possibilidade de as empresas divulgarem seus resultados com estimativa de queda nas receitas e lucros, devido a uma desaceleração da atividade econômica em 2025;
- b. As empresas que apresentam maior nível de alavancagem poderão ser impactadas nas renegociações de suas dívidas;
- c. Possíveis medidas protetivas de Donald Trump, pois podem impactar os ativos dos mercados emergentes.

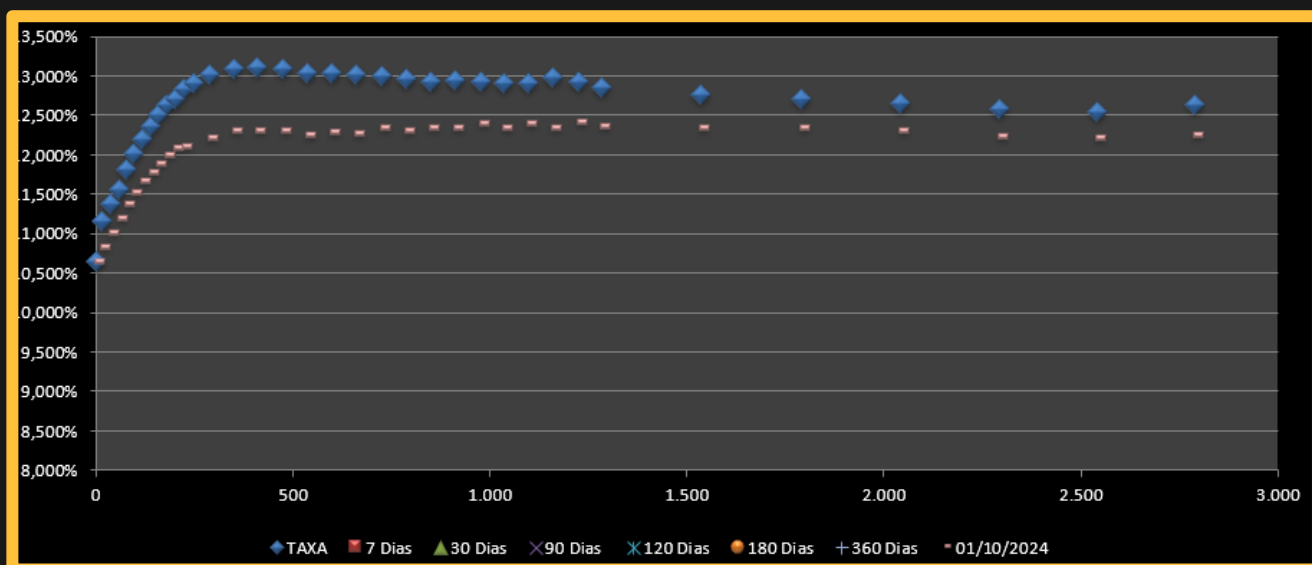
A nossa visão é que mesmo as ações estejam com preços mais baratos, as incertezas atuais sobre a condução da política econômica fazem com que tenhamos posições mais conservadoras no curto prazo.

## **RENDA FIXA NO BRASIL**

Em outubro, vimos a abertura da curva de juros em 50bps, aproximadamente. Este movimento foi reflexo das aberturas nas curvas de juros futuros norte americanas e de uma percepção maior de risco, o que exigiu um maior prêmio de risco. A taxa DI teve a melhor performance em outubro (0,93%), frente às outras classes de ativos domésticos.



**GORDON**  
FAMILY OFFICE



Estes fatores, fazem com que o Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central tenha que manter a austeridade na condução da política monetária.

**Neste contexto, a nossa expectativa da taxa de juros para o final de 2024 é de 11,75% ao ano, dada a maior deterioração da credibilidade fiscal, impactos climáticos sobre alimentos, energia e combustíveis e com as possíveis medidas tomadas por Donald Trump. No que tange à alocação, acreditamos que os títulos atrelados à inflação são mais atrativos para o longo prazo. Porém, para o curto prazo, os ativos atrelados ao DI estão com maior atratividade por apresentarem maior retorno real. Justamente devido ao cenário exposto acima, não recomendamos ativos pré-fixados.**



**GORDON**  
FAMILY OFFICE

## **RENDA VARIÁVEL INTERNACIONAL**

As bolsas de Nova York terminaram o último pregão de outubro em queda, pressionadas por ações de tecnologia e com os rebalanceamentos das carteiras. As desvalorizações em Dow Jones, S&P e Nasdaq foram 1,34%, 0,99% e 0,52%, respectivamente. Porém, no final do mês, estes índices demonstraram reação positiva. Os pontos a serem monitorados são os próximos dados macroeconômicos dos EUA e as novas medidas protecionistas de Donald Trump em aumentar as taxas nos produtos importados, onde diminuiria a sua oferta aumentaria a inflação. Com isso, a taxa de juros poderá ficar mais alta por mais tempo. Contudo, vemos um cenário favorável para as empresas locais com o programa de corte de impostos, proposto por Trump.

## **RENDA FIXA INTERNACIONAL**

A inflação ao consumidor (CPI) nos EUA fechou outubro com aumento de 2,5% na comparação anual, enquanto a expectativa era de 2,4%. Já o PCE (Índice de Preços para Despesas com Consumo Pessoal) em maio subiu 0,2% conforme o esperado. O núcleo de inflação do PCE, quando retiramos os itens mais voláteis como alimentos e energia, subiu 0,3% em comparação a setembro também conforme o esperado. Na comparação anual, o núcleo aumentou 2,1%.



**GORDON**  
FAMILY OFFICE

Um outro foi a criação de vagas de trabalho ter vindo abaixo do esperado. Foram criadas 12 mil vagas, enquanto o esperado eram 105 mil vagas.

Números da atividade norte americana também demonstraram um contínuo e sólido crescimento com a divulgação do PIB do 3º trimestre onde avançou, em termos anuais, 2,8%, enquanto a expectativa era um crescimento de 3%.

Desta forma, a eleição de Trump poderá fazer com que o processo desinflacionário leve mais tempo e, conseqüentemente, os ativos de renda fixa continuem atrativos.

